



A FÁBRICA COMO MODELO PARA A ESCOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME “TEMPOS MODERNOS”, DE CHARLES CHAPLIN

ELENIR ARAÚJO SILVA (UEPB)

eleniraraujosilva@gmail.com

SENYRA MARTINS CAVALCANTI (UEPB) - Orientadora

Senyra@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, DIREITOS

HUMANOS E DIVERSIDADE CULTURAL

CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL

Introdução

Tendo por princípio de que o filme deve ser “observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas” (FERRO, 1992, p. 32), o presente artigo tem por finalidade compreender por meio da análise do filme “Tempos Modernos”, dirigido por Charles Chaplin (EUA, 1936), as influências da industrialização no âmbito educacional, e posteriormente suas características marcantes que perduram até os dias atuais. Buscando compreender os princípios que regem o gerenciamento educacional.

O filme “Tempos Modernos” (1936) aborda de forma crítica o sistema capitalista e o modo de produção industrial, marcados pela crescente industrialização vigente nos Estados Unidos por volta dos anos 30. Tendo como foco principal destacar o modelo de produção taylorista-fordista, que é baseado na divisão e especialização do trabalho, o filme retrata a pesada rotina seguida pela classe trabalhadora em uma linha de montagem.

IMAGEM ADAPTADA DE: <http://cinevintage.wordpress.com/2011/04/27/ainda-em-tempos-modernos/>





Charles Chaplin - criador e protagonista do personagem Carlitos (personagem principal da trama) - ressalta as condições dos trabalhadores braçais, que são destinados a desempenhar atividades instrumentais nas fábricas: o trabalho manual repetitivo. Os trabalhadores demonstram serem homens preparados para desempenhar com obediência e perfeição, as tarefas que lhes são atribuídas. Assim, como a fábrica, a escola também tem seu espaço voltado para produtividade, ou seja, a aprendizagem dos alunos, tornando os mesmos obedientes e preparados para o mercado de trabalho. Portanto, a escola ao responder às exigências do mundo do trabalho apresenta elementos comuns à forma de gerenciamento de uma fábrica, ou seja, o modelo de gerenciamento do trabalho é adotado pelo sistema de educação escolar, em especial algumas características como a hierarquização de autoridade, centralização do poder, leis mais rígidas, parcelamento do trabalho, especialização, divisão entre o trabalho de planejamento e execução, dentre outras, são todas responsáveis por “tornar a escola mais ágil, mais eficiente e mais produtiva” (CABRAL, 2007, p. 131).

Características marcantes do modelo taylorista-fordista de produção, como as que apontamos no parágrafo anterior, são enfatizadas no filme “Tempos Modernos” (1936), como, por exemplo, a cena em que Carlitos aperta continuamente os parafusos em uma esteira de produção. Ao exercer essa atividade alienante por meio de exercício repetitivo, Carlitos perde a noção quanto ao controle de seus próprios sentidos e sai apertando tudo que vê pela frente, chegando a ser internado num sanatório. Percebe-se, dessa forma, uma crítica em relação ao processo de produção e à adaptação dos homens ao ritmo ágil das máquinas, aos quais não estavam adaptados pelo trabalho no campo. O filme mostra de forma cômica a falta de adaptação das pessoas a esse novo ritmo de trabalho, ao mesmo tempo em que mostra os problemas causados pelos desempregos e a revolta dos grupos de pessoas reunidas nas ruas para protestar. Um dos problemas



ressaltados no filme pela falta de emprego é a fome, que levou Ellen a roubar comida e chegando a ser presa.

Diante das transformações da adoção do modelo taylorista-fordista na produção fabril, há, conseqüentemente, uma modernização social, a qual engloba todos os aspectos, “[...] moldando nossos valores, inclusive nossa maneira de conceber a educação e a escola, e dando à nossa sociedade seu feito tecnológico específico” (DOLL, 2002, p. 55).

Na sequência de abertura do filme, podemos observar os créditos sendo apresentados com um relógio ao fundo da tela, símbolo dos Tempos Modernos. Na visão taylorista, o tempo (e o movimento) é o que marca a rotina dos trabalhadores fabris tornando-os “escravos do relógio”. A sequência inicial do filme mostra um rebanho de ovelhas, trabalhadores entrando no metrô na hora do *rush*, substituídas em seguida pela imagem de um grupo de operários entrando na fábrica. A sequência inicial mostra a massificação da classe excluída, marcada pela ação de desumanização imposta pelo trabalho fabril.

Enfatizando o ritmo frenético das fábricas bem como da cidade, o filme “Tempos Modernos” destaca também a figura do supervisor. O supervisor escolar possui as mesmas atribuições dos supervisores fabris. Para Doll (2002), é notável a influência da industrialização em todos os seguimentos da sociedade, inclusive na organização do sistema de ensino buscando adequar o currículo escolar as necessidades da sociedade.

Metodologia

No presente artigo, o cinema “está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas” (FERRO, 1992, p. 32). Acreditando que a articulação entre o filme e o quadro conceitual de referência, pode vir a ser um instrumento possível para se compreender o impacto de modelos de gerenciamento fabril na escola.

Foi com a finalidade de perceber na obra fílmica um instrumento de contribuição para análise do modelo taylorista-fordista na escola, escolhemos o filme “Tempos Modernos” (1936) como uma metáfora que nos permitira questionar sobre as



influências do modelo deste modelo de gerenciamento no sistema de educação escolar. Através da análise de planos e sequências mais significativas do filme e pela atribuição de nexos entre o quadro teórico chegamos a dar sentido a nossa análise.

Resultados

Partindo da análise do filme, é possível fazer uma reflexão a cerca das características do modo de gerenciamento taylorista-fordista adotados pela escola, buscando compreender a escola como espaço regido pelos modelos fabris, ou seja, a escola baseada no gerenciamento científico proposto por Taylor.

Segundo afirma Doll (2002), a economia do tempo tornou-se prioridade nas fábricas, nas escolas como também na vida cotidiana. Ainda segundo Doll (2002), para adequar-se às transformações sociais da época, o currículo escolar também passou a ser regido pelos mesmos princípios da eficiência e padronização da fábrica. Assim, sem diferenciar-se das fábricas, as escolas funcionam conduzidas por normas que atendam a sociedade a qual está inserida, nesse sentido a educação é controlada por objetivos exteriores a ela. Nessa linha de pensamento, é possível afirmar que: “[...] a linguagem e o pensamento do industrialismo permeavam o pensamento social e o currículo escolar” (DOLL, 2002, p. 63).

A escola carrega a responsabilidade de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho, dessa forma procura adequar-se a realidade atual, buscando uma maior organização e padronização. A classe trabalhadora dos anos 30, focalizada no filme, dispunha de uma educação não complexa e braçal baseada nos princípios taylorista-fordista da produção, os quais estão voltados para preparar o indivíduo para o mercado e não para a cidadania plena, contribuindo assim para a perpetuação da exclusão da classe trabalhadora de oportunidades de ascensão social pela educação.

IMAGEM ADAPTADA DE: <http://watchdogwire.com/texas/2013/01/22/aisds-jump-in-top-earners-shows-payroll-inequities-non-classroom-priorities/>





Segundo afirma Cabral (2007), em todos os seguimentos da educação foram adotados meios de condução dos trabalhos com base modelo gerencial de produção. Portanto, partindo dessa reflexão, é perceptível que o modelo de organização da escola está claramente organizado de acordo com os moldes fabris, os quais buscam atender as exigências da sociedade em que está inserida. Assim como as fábricas buscam por profissionais capacitados que atendam as exigências do mercado, a escola também busca por profissionais qualificados, que tenham habilidade técnica, conhecimento teórico, ou seja, há uma busca por indivíduos habilitados que desempenhe com boa qualidade a sua função.

Conclusões

Pela observação dos aspectos analisados em “Tempos Modernos” (1936), é possível perceber claramente que o modelo de gerenciamento e administração fabril dos anos 30 nos Estados Unidos, ainda está fortemente presente na educação brasileira dos dias atuais. De certa forma, houve mudanças quanto à estruturação e à organização em face a um professor como profissional reflexivo de Schön e as teorizações sobre ensino e aprendizagem de Perronud, objetivando adequar o sistema escolar à nova realidade econômica e social baseadas ainda na racionalização do trabalho. Não diferente das cobranças exigidas aos operários da fábrica, há na atualidade uma notável cobrança do trabalhador tanto quanto a sua capacitação/especialização para desempenhar determinadas tarefas no mercado de trabalho, quanto para exercer o trabalho manual, bem como o intelectual. Neste contexto, o filme pode soar datado para muitos, mas bastante atual para nós, na medida em que podemos observar a doção do modelo de gerenciamento taylorista-fordista estendendo-se ao restaurante, à lanchonete, ao escritório e às escolas. Nas escolas, modelou a educação aos princípios e tendências capitalistas e, conseqüentemente, as exigências do mercado. Visto que a escola também é um espaço de trabalho, o referido modelo não reproduziu na sala de aula a mesma intensidade e o ritmo frenético da fábrica, mesmo com seus objetivos principais voltados para a produtividade que está pautada no ensino/aprendizagem dos alunos. O filme demonstra de forma crítica esse modo de produção caracterizado por ser extremamente excludente e alienante.



Referências

CASTRO, A. M. D. A. Gerencialismo e educação: estratégias de controle e regulação da gestão escolar. In: CABRAL NETO. A. [etal]. *Pontos e contrapontos da política educacional: uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais*. Brasília: Liber Livro, 2007. (p. 115-141)

DOLL JR, William E. Os remanescentes do currículo. In: *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. Porto Alegre: ArtMed, 2002. (p.55-72)

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (p. 25-42)

